

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

MATEUS DA CUNHA LASTE

**ARQUITETURA COMO RESISTÊNCIA:**

Uma análise de arquitetura em termos de poder

SÃO PAULO SP, DEZEMBRO DE 2019

MATEUS DA CUNHA LASTE

**ARQUITETURA COMO RESISTÊNCIA:**

Uma análise de arquitetura em termos de poder

Trabalho final de graduação  
apresentado à Universidade de São Paulo, como  
requisito para a conclusão do curso de Arquitetura  
e Urbanismo, no dia 4 de Dezembro de 2019

Nilton Ricoy Torres	orientador
João Carlos de Oliveira Cesar	convidado
José Tavares Correia de Lira	convidado

SÃO PAULO SP, DEZEMBRO DE 2019

## **AGRADECIMENTO**

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu orientador, Nilton Ricoy Torres, e ao corpo docente da FAU USP, pelo suporte, incentivos e dedicação durante minha graduação e sua conclusão na construção de relações de confiança e troca no ensino.

Agradeço a meus pais que me apoiaram durante todos os anos que estive na faculdade.

Agradeço os meus amigos com quem compartilhei angústias e ideias durante esse momento de minha vida

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigado

## **RESUMO**

Sergio Ferro; Michel Foucault; Resistência; Arquitetura

Este trabalho se propõe a iniciar uma análise sobre as dinâmicas de poder que envolvem a arquitetura. Para isso usa os escritos de Michel Foucault e seus conceitos de poder, dominação e resistência. Para se aproximar das dinâmicas de poder o trabalho concentra seus esforços na identificação de uma resistência dentro do contexto da arquitetura. O desenvolvimento deste trabalho se dá na averiguação se Sérgio Ferro e seus conceitos se enquadram como uma resistência como descrita por Michel Foucault. Para isso os textos “O canteiro e o desenho” de Ferro e “O Sujeito e o Poder” de Foucault são “sobrepostos”. O texto de Sérgio Ferro é analisado na tentativa de encontrar as características que Michel Foucault atribui às resistências, retiradas do seu texto.

## **ABSTRACT**

Sérgio Ferro; Michel Foucault; Resistance; Architecture

This paper intends to start an analysis about the power dynamics that involve the architecture. For this uses the writings of Michel Foucault and his concepts of power, domination and resistance. To approach the dynamics of power, the work focuses its efforts on identifying a resistance within the context of architecture. The development of this work takes place in the investigation of whether Sérgio Ferro and his concepts fit as a resistance as described by Michel Foucault. To this end, the texts "O canteiro e o desenho" and Foucault's "O Sujeito e o Poder" are "overlapped". Sérgio Ferro's text is analyzed in the attempt to find the characteristics that Michel Foucault attributes the resistances taken from his text.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTO .....	1
RESUMO.....	2
ABSTRACT .....	3
SUMÁRIO.....	4
APROXIMAÇÕES INICIAIS.....	5
PRÓXIMOS EM CITAÇÕES.....	6
MÉTODO.....	8
NECESSIDADES CONCEITUAIS .....	9
Práticas extra discursivas: .....	9
Práticas discursivas: .....	11
SOBREPOSIÇÃO: “O CANTEIRO E O DESENHO” E “O SUJEITO E O PODER”.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
CONCLUSÃO.....	22
BIBLIOGRAFIA.....	23

## **APROXIMAÇÕES INICIAIS**

Pode se dizer que permeia toda obra de Foucault estabelecer a relação entre conhecimento e poder. Em paralelo, podemos dizer que as reflexões de Sérgio Ferro e suas proposições sobre o desenho revelam que o mesmo considera o desenho uma forma de poder e conhecimento. Ferro em “O canteiro e o desenho” explora essa relação e demonstra o propósito divisivo do desenho. É tema de sua obra demonstrar, no processo de produção da arquitetura, a relação que o desenho, representação do conhecimento arquitetônico, estabelece com o trabalho no canteiro de obra.

Outros paralelos podem ser traçados de antemão entre as produções de Foucault e Sérgio Ferro. Entre elas, está a contestação de Sérgio sobre os desenvolvimentos e progressos, a partir da arquitetura, mas podendo ser interpretado de forma mais ampla, que seriam causadores de um aprofundamento da exploração do trabalho e consequentemente das tensões sociais. Sendo assim, uma das poucas vozes entre os pensadores da arquitetura que contestam a ideia de um desenvolvimento como um acúmulo contínuo. O trabalho de Foucault é marcado por não considerar a história linear e contínua com o acúmulo de conhecimento. Não considera que exista progresso, mas, rupturas nos processos de pensamento, nos conhecimentos e nos sujeitos. Procura demonstrar o contrário, as rupturas que ocorrem, as descontinuidades como momentos de pensamento.

## PRÓXIMOS EM CITAÇÕES

O canteiro e o desenho é a principal obra escrita de Sérgio Ferro, escrita enquanto era professor na École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble, fora do Brasil por conta do regime militar, e publicada no Brasil em duas partes pela revista "Almanaque": a primeira em 1976 e a segunda em 1977 e, posteriormente, publicadas em forma de livro pela editora Projeto do IAB/SP em 1979.

Nesta obra em particular, Ferro faz uso de diversas citações entre as quais se encontra uma citação indireta sobre o trabalho de Foucault. Nesta citação, Ferro se refere ao livro Vigiar e Punir (no original em francês, Surveiller et Punir, como colocado por Ferro) publicado em 1975.

Ao contrário de Ferro, Foucault, em 1975, esteve no Brasil como professor convidado da Universidade de São Paulo. Na ocasião, Foucault discursou em assembleia no salão caramelo na FAU USP anunciando a suspensão do curso que ministrava, em protesto pela prisão de colegas pelo regime militar brasileiro.

Para além da citação em si e a proximidade das datas de publicação (um espaço de menos de um ano) que são indicadores da relevância de Foucault para Ferro, ambos compartilharam a experiência de não serem bem vindos pela ditadura militar brasileira. Foucault, como Ferro três anos antes em 1972, é pressionado a se retirar do país.

Foucault é também, diretamente citado por Sérgio Ferro. Um trecho do livro As palavras e as coisas, publicado em 1966 é destacado em "O canteiro e o desenho". Livro que , como em 1975, teve sua publicação precedida por uma visita a Universidade de São Paulo.

Em 1965, Foucault e Ferro foram ambos professores na USP. Na ocasião, como professor convidado, Foucault ministrou um conjunto de aulas, tomando como base os manuscritos que viriam a compor o livro que seria publicado no ano seguinte, para alunos e professores da FFLCH USP.

Apesar de os textos, a serem "sobrepostos" no desenvolvimento deste trabalho, terem 16 anos de diferença entre as datas de publicação, ambos os autores compartilharam mais experiências que a mera contemporaneidade.



Para nossa comparação, entre as características comuns às resistências destacadas por Foucault para investigação das relações de poder e a análise do texto de Sérgio Ferro e suas proposições, por depender da análise da ação da resistência com seu contexto, independe a proximidade temporal de Foucault com a resistência analisada. A análise trata fundamentalmente da relação da resistência com as estruturas de poder que identifica. A constatação da proximidade entre ambos reforça a afinidade de ideias, porém, não é condicional para esta comparação.

## MÉTODO

Foucault não determina um método absoluto e derradeiro no âmbito da identificação de resistências diversas de forma a catalogá-las, mas embute em suas indagações a interpretação da ação de possíveis resistências revelando, no embate entre as estratégias, as dinâmicas de poder. Em seu texto “O Sujeito e o Poder” adotando uma postura prática para sua análise encara a resistência como catalisador para as investigações sobre as dinâmicas de poder. Para justificar sua escolha pela análise das resistências afirma que:

“...para descobrir o que significa, na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade...” (FOUCAULT, 1995)

Concluindo por analogia que um bom caminho para se compreender o poder é estudar a resistência.

Para o objetivo deste trabalho, identificar em Sérgio Ferro uma resistência na arquitetura, comparamos seu trabalho em “O canteiro e o desenho” com as características compartilhadas entre as resistências ao poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, da medicina sobre a população, da administração sobre os modos de vida das pessoas, listadas por Foucault em “O Sujeito e o Poder”.

A comparação entre as características comuns às diferentes resistências e o texto de Sérgio Ferro, neste trabalho, chamamos de “Sobreposição”. Consiste da reunião de trechos do livro “O canteiro e o desenho” com o propósito de encontrar nele as características comuns as resistências listadas por Foucault.

O trabalho de Foucault, publicado após a sua morte, como todos os trabalhos de outros autores publicados *post mortem*, são passíveis de terem sua relevância contestada ou, ao menos, serem inicialmente vistos como menos relevantes dentro do conjunto da obra deste mesmo autor. A hierarquização das obras de determinados autores é importante no processo de compreensão de seu trabalho e facilita a interpretação de mudanças conceituais no âmbito do desenvolvimento das ideias e discurso do mesmo. No caso específico de Foucault, que teve grande parte de seu trabalho publicado após sua morte, estes trabalhos são amplamente considerados de relevância semelhante aos publicados em vida, sendo bases

importantes para a compreensão de seus conceitos e fornecendo novas interpretações de seus trabalhos anteriores.

## **NECESSIDADES CONCEITUAIS**

Os conceitos desenvolvidos na obra de Foucault, apesar de simples, demandam uma introdução. A relação entre a produção de conhecimento e a dominação não são facilmente apreendidas. No texto “O Sujeito e o Poder” publicado em 1995, 11 anos após sua morte em 1984, auto avaliando seu trabalho reafirma que, apesar de ter se debruçado sobre as questões do poder, por grande parte de sua carreira, o objetivo de sua pesquisa era compreender o processo de subjetivação. (FOUCAULT, 1995)

Para a compreensão destas dinâmicas no âmbito da produção arquitetônica, que buscamos identificar em Sérgio Ferro uma resistência e, para tanto, buscamos em “O canteiro e o desenho” características comuns às resistências.

Foucault afirma que existe uma relação necessária entre as formas de produção de discurso, as regras de produção de verdade. Sendo ambas, práticas discursivas e práticas extra discursivas, mecanismos de relação de poder. As formas de produção de conhecimento e as relações de poder da sociedade são indissociáveis. Os conhecimentos sistematizados e ordenados na ciências humanas são coletados nas situações proporcionadas pela dominação, que possibilita a observação dos corpos no trabalho, na escola em relação de hierarquia, de mandos e obediência, de disciplina. Conhecimentos que são re-inseridos nessas relações perpetuando a dominação que, em uma sociedade capitalista industrial, implica na adaptação dos corpos a um sistema produtivo.

### **Práticas extra discursivas:**

#### **Dominação**

Para analisar o pensamento de Foucault sobre o poder é importante descrever seu conceito distinguindo-o da dominação, que segundo o mesmo, é o que o discurso corrente define como poder. Para o autor a dominação é o resultado dos processos que tentam cristalizar, estratificar as relações de poder entre um ponto e

outro, impedindo sua mobilidade e alternância na tentativa de controlar, definir e limitar a liberdade do outro. (FOUCAULT, 1984)

Diverge das afirmações de Sartre que caracterizam o poder como mal e esclarece no texto “A ética do cuidado de si como prática de liberdade” que lê Sartre trocando a palavra poder por dominação. (FOUCAULT, 1984)

A definição de dominação desenvolvida por Foucault é bastante simples e abrangente porém, é necessária para o desenvolvimento de sua obra. Vale ressaltar que Sérgio Ferro em “O canteiro e o desenho”, ao se debruçar sobre as especificidades das relações de produção da arquitetura, usa a palavra dominação por diversas vezes sem se preocupar em defini-la.

Porém, pela abrangência do conceito de dominação desenvolvido por Foucault, podemos assumir que ele contemple a dominação usada na obra de Ferro.

### **Poder**

O poder na análise de Foucault é ainda mais abrangente, está presente em todas as relações entre um ponto e outro, contemplando as desigualdades da sociedade e sempre presente nas relações humanas. O define como jogo estratégico entre liberdades (FOUCAULT, 1984)

O poder não é algo que se tem, mas que se exerce. Não pode existir sem uma resistência em um campo de correlações de força, em constante mudança, onde não se identifica um binário absoluto entre dominador e dominado. (FOUCAULT, 1976)

Para Foucault, é visto como uma rede mutável composta por diversos pontos de poder e resistência. Rede que apresenta a tendência de fixar suas relações, sustentadas de forma instável por estados de poder, provocados pela desigualdade de suas forças.

## **Resistência**

A resistência é o ponto de ação do poder, não podendo ser definida se não em relações de poder, dependentemente do poder. Sua relação de interdependência com o poder se explica por fazer parte do poder, não podendo também existir poder sem resistência (FOUCAULT, 1976). Para Foucault, um ponto de partida para a análise das diferentes formas de poder seria o estudo das formas de resistência de maneira mais específica e particularizada (FOUCAULT, 1995).

O Conceito de resistência é central para o desenvolvimento deste trabalho. É a identificação de uma resistência no campo da arquitetura que possibilitaria uma investigação do poder nas relações específicas que compõem a produção arquitetônica.

## **Práticas discursivas:**

### **Objetivação**

Processo de abertura de um discurso sobre uma coisa, ação, situação, que permita o acúmulo de novos conhecimentos.

### **Jogos de verdade**

Método pelo qual se constituem verdades que legitimam discursos e constituem conhecimentos. São diferentes durante a história e essências na compreensão de cada momento.

### **Subjetivação**

É o processo pelo qual o homem se torna um sujeito.

A obra de Foucault, como interpretado pelo próprio, é definida pela grande tentativa de descrever os processos pelos quais se constituíram sujeitos em diferentes períodos históricos. (FOUCAULT, 1984)

A subjetivação ocorre dentro das relações de poder quando se objetiva o homem, suas ações, situações e, dentro do jogo de verdades, se produz um discurso no qual o homem se reconhece e se submete. De maneira simplificada, é o processo de internalização do discurso que o define.

## **SOBREPOSIÇÃO: “O CANTEIRO E O DESENHO” E “O SUJEITO E O PODER”.**

No texto “O sujeito e o poder”, Foucault sugere um método de identificação de resistência com o propósito de estudar sua atuação, constituição, discurso para possibilitar a compreensão do processo de subjetivação e das relações de poder em que estão inseridas. São elencados seis pontos comuns às resistências.

1. São lutas “transversais”; isto é, não são limitadas a um país. Sem dúvida, desenvolvem-se mais facilmente e de forma mais abrangente em certos países, porém não estão confinadas a uma forma política e econômica particular de governo. (FOUCAULT, 1995 pg. 234)

Sérgio Ferro descreve as condições da produção da arquitetura. Não se restringindo à produção nacional ou contemporânea, suas reflexões descrevem relações que acabam por definir a separação do desenho e do canteiro. Apesar de suas proposições partirem de uma análise do contexto Brasileiro em resposta a desvalorização da mão de obra agravadas pela exploração do trabalhador da construção civil, com o desenvolvimento da arquitetura moderna, quando fala de desenho, está falando do desenho para a produção no sentido mais amplo, quando fala de canteiro se refere ao “trabalho dividido”, o trabalho objetivado no sistema de reprodução do capital que o domina, dominando também o desenho. Suas proposições e indagações não se limitam ao seu contexto. (FERRO, 1979) Ferro não se limita ao contexto que analisa por, em sua análise, focar nos processos comuns a toda produção arquitetônica.

2. O objetivo destas lutas são os efeitos de poder enquanto tal. Por exemplo, a profissão médica não é criticada essencialmente por ser um empreendimento lucrativo, porém, porque exerce, um poder sem controle, sobre os corpos das pessoas, sua saúde, sua vida e morte. (FOUCAULT, 1995 pg. 234)

Em crítica, sobre a arquitetura moderna, Ferro afirma que esta foca na tecnologia da técnica exclusivamente deixando de lado, ignorando, a tecnologia da dominação. Esta última é fundamental no papel do desenhista que resume sua atuação ao remendo, que possibilita a produção no sistema fragmentado pelas divisões que gravitam a mais valia.

As relações da arquitetura moderna com a tecnologia, altamente valorizadas no discurso de críticos e promotores, caem em ambiguidade se por tecnologia é preciso ler somente a dos materiais e sua aplicação, noções ideológicas, desligadas da aproximação simultânea da tecnologia da dominação e de exploração que nelas causa alterações patogênicas. (FERRO, 1979, pg.76)

O esforço de Sérgio Ferro está justamente na demonstração das práticas extra discursivas, nos mecanismos de relações de poder, que alimentam, legitimam os discursos produzidos que municiam a dominação nas formas de produção da arquitetura. Demonstra como o enquadramento da arquitetura como mercadoria, a limita.

O caso do concreto armado é típico: material pronto para seguir os desenvolvimentos curvos das tensões, na maioria de seus empregos atuais adota o esqueleto paralelepipedal cômodo para aqueles cuja finalidade está centrada na mais-valia. (FERRO, 1979, pg. 73)

Os discursos arquitetônicos alimentam as formas de dominação, a homogeneização do trabalho no canteiro objetiva a transformação do trabalho em valor.

**3.** São lutas “imediatas” por duas razões. Em tais lutas, criticam-se as instâncias de poder que lhes são mais próximas, aquelas que exercem sua ação sobre os indivíduos. Elas não objetivam o “inimigo mor”, mas o inimigo imediato. Nem esperam encontrar uma solução para seus problemas no futuro (isto é, liberações, revoluções, fim de luta de

classe). Em relação a uma escala teórica de explicação ou uma ordem revolucionária que polariza o historiador, são lutas anárquicas. (FOUCAULT, 1995 pg. 234)

As proposições de Ferro objetivamente tratam de estabelecer um maior equilíbrio dentro das relações de poder. Tais interações culminam na produção arquitetônica sobre o domínio do capital na figura do arquiteto com o desenho como instrumento de dominação.

Na tentativa de propor um desenho “da produção”, em contraposição ao desenho “para produção”, estabelece seus princípios:

- i. Do princípio da divisão das equipes de trabalho (que ocasionaria, por exemplo, várias descontinuidades formais a serem respeitadas na obra);
- ii. Do princípio da multiplicidade de normas (caso típico, o do sistema de medidas: poderia ser regular nas estruturas para facilitar e economizar fôrmas, armações e cálculos; modulado nos componentes produzidos fora do canteiro, como portas e caixilhos; mas fluida e não modulada no resto; a unidade de produção é o trabalhador de imprecisão intrínseca – raramente, fora etapas semelhantes às apontadas, a exatidão e a repetição convêm);
- iii. Do princípio da clareza construtiva ( que facilitaria a produção pelo entendimento, a todo momento possível, do objeto a ser produzido: razão que levaria também à manutenção dos traços do trabalho transformado cada obra num veículo pedagógico);
- iv. Do princípio da prioridade das condições de trabalho (que visaria a segurança e a preservação do conhecimento). (FERRO, 1979, pg. 105,106)

Incluso nesta proposição está o conceito da estética da separação que, partindo da compreensão de que o trabalho no canteiro é dividido e a função do desenho é promover a amarração estética homogeneizadora, propõe a liberação das equipes divididas para que realizem seus trabalhos, de forma criativa, evidenciando



cada etapa do trabalho, usando de sua heterogenia como matriz geradora. A percepção de que a arquitetura é esforço manual guia o discurso de Sérgio Ferro que faz da demonstração desse esforço o centro de sua criação e atenção. Contempla diversas vezes a dissolução do desenho e o consequente fim da figura do projetista, mas não chega a fazer essas proposições. A estratégia adotada é a subversão. Ferro propõe usar do desenho, o próprio mecanismo de dominação, para promover a valorização da mão de obra, o aumento de sua autonomia criativa e fazer da obra acabada um meio didático.

4. São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo.

Estas lutas não são exatamente nem a favor nem contra o “indivíduo”; mais que isso, são batalhas contra o “governo da individualização”. (FOUCAULT, 1995 pg. 234)

O argumento central e objetivo do livro *O Canteiro e o Desenho* é a demonstração de que a função do desenho e, portanto, do projetista é a fragmentação dos trabalhadores possibilitando a objetivação de seus esforços em função da reprodução do capital. Para tanto, descreve a subjetivação, também, do projetista. O processo pelo qual o projetista desenvolve e se sujeita a regras, neste caso, compositivas. No capítulo “o desenho Separado” contesta o papel dos conceitos de equilíbrio e harmonia no processo de desenho que adquirem caráter normativo na arquitetura.

“Mesmo se recusarmos, nas condições atuais, chamar de arte a obra “dos” arquitetos, ainda então o equilíbrio e a harmonia convergem para oprimir.” (FERRO, 1979, pg.85)

Em sua interpretação, estes conceitos servem para apagar os vestígios da manufatura na obra acabada, promovendo a homogenia e previsibilidade da arquitetura favorece sua constituição como produto.

No século XIX, na arquitetura moderna, os conceitos de equilíbrio e harmonia passam a ser destacados do contexto, pré-existência, em função da autonomia compositiva de cada obra. Esta diferenciação implica em algumas “vantagens”:

- i. Isolamento (formal, com repercussão favorecida pela contração);
- ii. Disciplina (dada pela trama das estruturas induzidas que importam reflexos, ilusórios mas convenientes, segundo o caso de “necessidade” – de lei – a realçar ou transgredir);
- iii. Penetração (através da fenda aberta em nossos critérios corriqueiros de julgamento). (FERRO, 1979, pg.88)

A estas “vantagens”, denomina poder dos bordos. Como consequência, a autonomia formal, na arquitetura constitui simbolicamente seu poder de separação social, entre interior e exterior. O uso destas “vantagens”, mesmo contestando o uso da palavra poética, denomina poética dos cantos ou poética da reação. Sobre o efeito da aplicação destes conceitos, concluiu que separam ainda:

- i. O trabalhador de seu trabalho e seu produto (transpor, adaptando, nossas observações sobre o volume)
- ii. O produto da produção (figurando seu inverso: atemporalidade x sucessão, totalidade x seccionamento, “necessidade” x violência);
- iii. O produto de outro produto (cortando o fluxo das horas apropriadas na produção, 1º ato):
- iv. E confundem todos os produtos (manifestando o desenho, isto é, a separação no papel da mediação, 2º ato). (FERRO, 1979, pg.90)

E assim, descreve o desenho como forma de dominação servindo à divisão do trabalho e geração de valor. Afirma então que a arquitetura, produto deste mecanismo, não pode ser nada se não produto e valor. O que a caracteriza como forma de “tipo-zero”, desprovida de significado por si mesma, corporificação da forma valor. Por tanto, por advir do capital e reproduzir o capital é identificável o isomorfismo entre causa e efeito causando uma dissolução semântica homogeneizadora. Considera o receituário para a “boa” forma arquitetônica um rígido sistema de relações abstratas que, ignorando toda particularidade, liga o que nada tem haver entre si, compondo uma sintaxe “universal”, estrangeira a quem desenha, que o submete e desqualifica.

(...) o desenho é como vetor apontando para o centro lógico e concreto de nosso tempo (o valor) – e tão puxado na sua direção que sua extremidade, sua raiz, nele se confunde. Este é o centro que mira nos alvos a explorar: a inteira circunferência do espaço. (...) (FERRO, 1979, pg.96)

**5.** São uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas.

Não há nada de “cientificista” nisso (ou seja, uma crença dogmática no valor do saber científico), nem é uma recusa cética ao relativista de toda verdade verificada. O que é questionado é a maneira pela qual o saber circula e funciona, sua relação com o poder. Em resumo, o régime du savoir. (FOUCAULT, 1995 pg. 235)

Ferro descreve o ato de desenhar como tendo propósito. Sendo este a separação, a divisão, é a forma de dominação que mantém o sistema produtivo com objetivo da reprodução do capital através da objetivação do trabalho. O desenho, a representação é instrumento de divisão e mantém a divisão entre os que sabem e os que não sabem. O desenho arquitetônico contém a ordem de construir, guia os trabalhos no canteiro e fundamenta a hierarquia dos trabalhadores.

(...) a marginalização informativa crescente de cima para baixo em relação ao conjunto da obra, inversa da participação material, repisando a separação entre pensar e fazer, dá apoio ao movimento de desqualificação do trabalho na construção. (...) (FERRO, 1979, pg.38)

O conhecimento acumulado sobre a objetivação do trabalho, tanto do canteiro quanto de projeto aprofundam a dominação e aumentam a exploração. Ferro problematiza a transformação deste trabalho em mercadoria.

6. Finalmente, todas estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós? Elas são uma recusa a estas abstrações, do estado de violência econômico ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem somos.

Em suma, o principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto “tal ou tal” instituição de poder ou grupo elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder. (FOUCAULT, 1995 pg. 235)

Indicando que o desenho constitui um pólo de poder e saber, inserido na dominação do modelo de reprodução de capital do modelo capitalista, que exerce suas próprias formas de dominação sobre o canteiro definindo o trabalho e, no processo, sendo definido por suas formas de dominação, Sérgio Ferro descreve a técnica e a forma deste poder. Descrevendo a ação no canteiro, afirma em referência a Foucault

Se o tapume- paliçada protege o vazamento das “perversões”, determinando um espaço carceral (ver M. Foucault, Surveiller et Punir, Gallimard, 1975) apóia o controle. Se a de-diferenciação (ver A. Ehrenzweig, op. Cit.) alimenta em energia o canteiro, a seriação do de-diferenciado suporta o poder da produtividade dominada. (FERRO, 1979, pg.55)

Identificando o papel da hierarquia e observação na homogeneização do trabalho no canteiro, necessária para a construção da obra arquitetônica, segundo o desenho, cria o sujeito operário na definição de suas atribuições.

O Sujeito projetista é também identificável na relação de dominação que participa, mas de forma mais sutil. A dominação do canteiro é possível pelo domínio do desenho pelo arquiteto que é habilitado por e para a perpetuação do capital. A capacidade garantida ao desenho, na figura do arquiteto, é reflexo da dominação do capital que domina a ação do arquiteto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do texto “O canteiro e o desenho” de Sérgio Ferro, podemos identificar que a partir do título, passando pela organização do texto, como tema da obra, a separação entre a ação no canteiro e a ação no desenho por diferentes sujeitos.

Sendo o operário da construção dominado pelo desenho que representa o projetista e, o projetista, dominado pelo capital, o perpetuador da dominação.

Na análise de Sérgio Ferro o poder está sempre com o capital e nas relações com o capital. O que estabelece a dominação como sendo a divisão entre os sujeitos e a estratificação destas relações intermediadas pelo capital, que as estabelecem como dominação fixando-as.

Em suas proposições, enfrenta a divisão que denuncia e é por propor relações não divididas, tratando das relações que compõem a dominação do capital e não simplesmente a dominação do capital, que pode ser considerado uma resistência. Por propor o uso das estruturas de dominação como o desenho de forma a promover a aproximação entre canteiro e desenho, que pode ser considerado subversivo.

Ferro não propõe a ausência de desenho mas, formas de uso que não o faça ser a perpetuação da dominação. Com suas proposições libera mutuamente projetistas e operários para uma maior mobilidade nas relações de poder.

Ferro cita Foucault ao criticar a autonomia do desenho;

“... a representação é sempre paralela a ela mesma: é ao mesmo tempo, indicação e aparecer, relação com um objeto e manifestação de si”. (FOUCAULT, 1966, p.79 Apud FERRO, 1979 p.69)

Ferro possibilita a identificação do sujeito projetista nas relações de poder, com os sujeitos operários na produção de arquitetura.

As resistências não são uni facetadas e em sua atuação podemos perceber preocupações predominantes. Podemos concluir que a preocupação de Ferro se concentra em responder às formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que produzem. Porém, tomando a exploração do capital como ponto de partida, revela

formas de subjetivação. O trabalho de Ferro possibilita a interpretação da formação do sujeito operário como aquele que se sujeita ao desenho e projeto no processo que define o sujeito projetista preso à sua própria identidade pelo capital que o habilita.

## CONCLUSÃO

As relações entre Sérgio Ferro e Foucault não se encerram na análise posteriormente feita. Tanto as propostas de Ferro quanto o pensamento de Foucault fornecem mais do que foi possível compilar para este trabalho. Porém, com este conseguimos concluir que as proposições de Sérgio Ferro compartilham com as resistências as características apontadas por Foucault.

O processo de comparação ou “sobreposição”, como denominamos aqui, possibilitou e dependeu da compreensão de que o desenho consiste um polo de conhecimento e, conseqüentemente, de poder. O estabelecimento desta relação entre os discursos de ambos autores que possibilitou a aproximação, também em processos menos aparentes, no trabalho de Ferro mas, fundamentais para Foucault como os processos de subjetivação.

Para além da identificação de uma resistência na arquitetura, a identificação de um polo de conhecimento no desenho fornecem bases para reinterpretar o trabalho de Ferro e novas explorações em relação ao papel do espaço e sua construção nas relações de poder e subjetivação.



## BIBLIOGRAFIA

ARANTES, P, F. Apresentação In: Ferro, S. SERGIO FERRO arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 9, 30.

FOUCAULT. M; O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. MICHEL FOUCAULT Uma Trajetória Filosófica – Para além do estruturalismo e da hermenêutica. São Paulo: Forense Universitária. 1995. p. 231, 249.

FOUCAULT. Michel; “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In:\_\_\_\_ Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (1984)

FOUCAULT. Michel; Vigiar e Punir. Os recursos Para o Bom Adestramento. 42ªedição Petrópolis, RJ: Vozes, 2014 (1975)

FOUCAULT. Michel; Método In:\_\_\_\_ História da sexualidade I – A vontade de saber. 13ªedição Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 (1976)

FOUCAULT. Michel; A Ordem do Discurso – aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ªedição São Paulo: Edições Loyola, 2014

FERRO, Sergio; O canteiro e o desenho. São Paulo: Projeto/ IAB/SP 1979 Grenoble,1976

PARRO, Ricardo; SILVA, Anderson Lima da. Michel Foucault na Universidade de São Paulo. revista discurso, v. 47, n. 2 (2017), pp. 205–223

KOURY, Ana Paula; Arquitetura Nova – Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro. São Paulo: Romano Gerra Editora / Edusp / Fapesp, 2004. ISBN 8531407834